

A Análise

Que análise você faz deste discurso que não cabe? Um português corrompido pelo inglês e um inglês que tem restos de português. Um estranhamento entremeado de linguagem. Como falar do cavalo que não gosta de ser chamada de égua? Lésbica? Cavala seria ainda pior. Não adianta criar um novo nome, querida. O gosto da palavra ruim permanece. Um novo nome também não resolve, não apaga o que veio antes – desconforto se elabora.

Aliso a pele do cavalo e esbarro num espaço oco. O que não impede a crina de ser suave, quando tocada fora do espelho. Estou com os pés no chão, no asfalto quente, emitindo calor. Não monto no cavalo. Ao longe vejo as amazonas, as heroínas da minha história, doidas para sair galopando. O que aconteceu? Elas parecem desorientadas. Na verdade, quero dizer, o príncipe foi embora e deixou o cavalo comigo. Mas não ia mudar em nada a maneira delas pensarem. Então não falo nada.

Mas o cavalo, esse sim, me leu bem. Entendeu que eu fui educada no silêncio da casa, obedecendo a demanda de não existir. Evite ser decifrada ou descoberta. Essa menina não chora é um enfrentamento, um si mesmo, uma fechada de olhos. Experiência que me fez doutora em silêncio. Ficar parada é a minha especialidade. Solidão constitutiva da minha condição humana. A verdade é que não quero montar em cavalo nenhum. Que pensem de mim o que quiserem. Várias pessoas já seguraram a minha caneta antes, o que podia fazer? Escreva qualquer coisa que preste. Por que? Para que? Se a percepção é inconsciente, como dizem os neurocientistas, e não consciente, como acreditava Freud, não preciso fazer mais nada. Só não posso perder de vista a égua.